

Filmes que vão do horror às inquietações políticas, com inspirações no cinema marginal dos anos 70

DIREÇÃO NACIONAL

MOSTRA COMPETITIVA DE LONGAS DO FESTIVAL DE VITÓRIA APONTA AS TENDÊNCIAS DO CINEMA BRASILEIRO ATUAL

Pelo terceiro ano consecutivo (e segundo desde que eu e o Rodrigo de Oliveira passamos a assinar a curadoria do Festival de Vitória/ Vitória Cine Vídeo), a Mostra Competitiva de Longas-Metragens assume-se como um panorama das principais tendências do cinema nacional. Se, nos anos anteriores, a seleção trouxe filmes que fizeram a sensação no circuito de festivais (como “O som ao redor”, de Kleber Mendonça Filho, no ano passado) e revelou belos trabalhos, como “Este amor que nos consome”, filme vencedor da competição no ano passado, o nível da atual safra mantém-se altíssimo.

A competição abre com um filme bastante aguardado: “Mar Negro”, novo longa do capixaba Rodrigo Aragão, verdadeira referência no cinema de horror nacional. Capítulo final da trilogia que fez dele um nome respeitado internacionalmente no gênero, o filme retrata a irrupção irracional do mal no cotidiano de uma aldeia de pescadores, através de monstros marinhos, zumbi e caos generalizado. Aqui, a estética sanguinolenta do gore é potencializada pelo uso de um humor sarcástico e tão corrosivo quanto a misteriosa mancha negra que deixa seu rastro de morte e destruição.

Destacam-se também duas experiências que permitem cruzar a inquietação política – tema recorrente no Brasil pós-junho, mas que já há muito é filmado pelo cinema nacional – e a dimensão



“Canto Nenhum”, de Eduardo Escarpinelli, está na Mostra Corsária

cotidiana dos fatos que atravessam nossa história. “Avanti Popolo”, de Michael Wahrman, estrelado pelo lendário Carlos Reichenbach (verdadeiro farol para as novas gerações de cineastas brasileiros), trata das cicatrizes deixadas pelo desaparecimento de um filho, durante a ditadura dos anos 70, a partir da imersão entre memórias lembradas e esquecidas, reativadas por imagens de super-8. Tudo isso numa radical experimentação de linguagem e mise-en-scène que tem feito deste o filme brasileiro mais premiado nos festivais estrangeiros este ano.

Já o baiano “Depois da chuva”, primeiro longa de Cláudio Marques e Marília Hughes, recém-estreado no último festival de Brasília, aborda um período histórico quase inexplorado por nosso cinema: o das Diretas Já, na transição do

regime militar para a democracia, com toda a lufada de esperança que tomou conta do país naqueles dias. A trama retrata o dia a dia de um grupo de adolescentes, tentando refundar o grêmio estudantil em uma escola conservadora. A história é marcada por uma encenação realista (mas um realismo moderno, na tradição de Cassavetes e Pialat), em que o trabalho com os atores, inclusive revelando vários novos talentos, é primoroso.

Duas atrizes bastante conhecidas do público, Leandra Leal e Mariana Ximenes, arriscam-se num território bastante ousado em “O Rio nos pertence”, de Ricardo Pretti. Dialogando diretamente com a estética do cinema marginal dos anos 70, o filme faz parte da Operação Sonia Silk, empreendimento carioca de caráter co-



“Mar Negro”, novo filme do capixaba

operativo e coletivo (encabeçado por Pretti e pelo carioca Bruno Safadi) inspirado na Belair de Bresanne e Sganzerla. Aqui, as belas paisagens do Rio de Janeiro transmudam-se de forma ameaçadora sob o olhar de sua protagonista.

Outro trabalho que assume o artifício como centro de sua experiência estética é o cearense “Doce Amianto”, de Guto Parente e Uirá dos Reis. O filme acompanha a travesti Amianto, que encontra refúgio num universo em que lirismo, melancolia, ingenuidade e fantasia se misturam como uma espécie de antídoto à rejeição do mundo exterior. O filme, com sua narrativa bastante diferente, costuma seduzir os espectadores nos festivais por onde tem passado.

A temática da diversidade sexual também dá o tom em “Tatuagem”, primeiro longa-metragem do pernambucano Hilton Lacerda, roteirista de alguns dos principais filmes brasileiros dos últimos vinte anos (entre eles, “Baile perfumado”, “Amarelo manga” e “A febre do rato”). Ambientado na década de 70, trata-se de um filme superlativo em vários sentidos: do roteiro muito bem-construído à direção precisa de Hilton, passando pelos primorosos desempenhos de atores como Irandhir Santos, Jesuíta Barbosa e Rodrigo Garcia. Vencedor do último Festival de Gramado, e uma das obras mais aguardadas do ano pelo público capixaba, o longa será exibido fora de competição, como filme de encerramento do 20º Vitória Cine Vídeo.

DIVULGAÇÃO

ou com a diversidade sexual como tema, fazem parte da seleção de longas da 20ª edição do festival

DIVULGAÇÃO



Rodrigo Aragão, verdadeira referência no cinema de horror nacional, é um dos destaques na Mostra Competitiva Nacional de Longas

DESTAQUES DAS OUTRAS MOSTRAS

A força da produção capixaba

Em sua vigésima edição, o Festival de Vitória continua a apresentar um rico panorama da diversidade da produção audiovisual no Espírito Santo, com suas principais vertentes e temáticas. Os filmes selecionados este ano pautam-se pelo rico diálogo entre as diversas gerações de realizadores, apontando algumas questões recorrentes, inclusive historicamente, na filmografia local.

Começamos pelos cinco títulos do Foco Capixaba. Na safra de documentários, é forte o interesse em investigar a alteridade, dando visibilidade a questões urgentes, mas que encontram pouco eco na agenda pública. Exemplo disso são os artistas de ruas, que ganham direito a voz em “Sinal vermelho”, estreia na direção de Naiara Bolzan e Cristina Margon, ambas alunas do curso de Audiovisual da Ufes. Ou ainda a questão das tribos indígenas em território capixaba, retratadas em “Reikwapá”, de Ricardo Sá e Werá Djekupe.

Se esse é um engajamento que atravessa boa parte da obra de Ricardo como documentarista, desta vez a direção compartilhada também se afirma como o registro híbrido, situado entre o olhar do cineasta urbano e o do indígena, num exercício de conjugação de diferenças que provoca no espectador uma série de questionamentos importantes.

É também um envolvimento de uma vida inteira com as tradições populares capixabas, pelo músico Fábio Carvalho, que norteia seu documentário “O congueiro do Santo Preto”, realizado em parceria com João Moraes. O filme resgata a figura do Mestre Antônio Rosa e também apresenta a força popular que continua a se fazer presente, em pleno século XXI, em manifestações tradicionais como a Festa de São Benedito. O universo do congo também reaparece no filme de abertura do Festival – “Casaca”, documentário de Orlando Bonfim que se configura como mais um importante capítulo de sua empreitada, que já dura quase quarenta anos, em mapear o as práticas e o imaginário das diversas manifestações tradicionais da cultura popular no Estado.

Completam o programa duas obras ficcionais, atravessadas por um vi-

sível ethos pós-moderno: “Fragma”, de Eduardo Moraes, que se apropria das linguagens do videoclipe e da publicidade para transitar pelas diversas camadas da memória; e “Nêga do ébano”, trabalho de Valentina Krupinova, figura central na formação de gerações inteiras de realizadores locais, nas décadas de 80 e 90, que nos traz uma surpreendente e irônica releitura urbana da estória da Branca de Neve.

Na Competitiva Nacional de Curtas, o Espírito Santo é representado por dois títulos da novíssima geração: a ficção “Abrigo ao sol”, de Emerson Evêncio, e o documentário “Perto da minha casa”, de Carolini Covre e Diego Locatelli, dupla também egressa do curso de Audiovisual da Ufes. O primeiro, que já vem circulando com sucesso em diversos festivais, é um estudo sobre a solidão, o silêncio e a redescoberta da liberdade, seguindo o tom delicado e intimista que já aparecia em “Angorá”, curta de estreia do cineasta. O segundo retrata os usos que um grupo de adolescentes faz de uma misteriosa pilha de containers, surgida da noite pro dia num areal próximo ao Vale Encantado, e ressignificada coletivamente como um inexplorado território de aventuras – mostrado no

filme através de uma interessante experiência sensorial, em sintonia com a produção de ponta do documentário brasileiro.

Locatelli assina ainda a direção de “Algo sobre nós”, ficção selecionada para a Mostra Corsária, e que já aponta a busca do jovem cineasta por linguagem bastante autoral – neste filme, o som é um personagem central. Já “Meninos do Arco-íris”, documentário de Herbert Bastos e Larmartine Neto selecionado para a Mostra Quatro Estações, lança um olhar rico e pouco usual sobre a questão dos transgêneros, dando voz às diversas possibilidades de construção de subjetividade que escapem à dualidade masculino/feminino.

A força e a diversidade da safra 2013 de curtas capixabas estende-se ainda às Sessões Especiais de 20 anos do festival, onde serão lançados “As aventuras de um míope”, de Gabi Stein, e “Cavalo Ferro”, de Gui Castor.

Festival de Vitória – 20ª Vitória Cine Vídeo
A partir da próxima segunda-feira (28 de outubro) até sábado (2 de novembro), com atrações na Estação Porto, no Teatro do Sesi e no Hotel Ilha do Boi. Mais informações: www.festivaldevitoria.com